Laura Bellini



Por Este Caminho Rumo à Intimidade

A jornada dos dois começa com uma escolha honesta

Por Este Caminho Rumo à Intimidade

A jornada dos dois começa com uma escolha honesta

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902721

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Duas versões do mesmo caminho 12
Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos 23
Capítulo 3 - Onde o mapa termina..... 35
Capítulo 4 - O que não aparece nos planos 46
Capítulo 5 - O direito de dizer não 57
Capítulo 6 - A distância de um beijo..... 68
Capítulo 7 - Entre o desejo e a confiança..... 79
Capítulo 8 - Do outro lado da rotina 91
Capítulo 9 - O preço de uma decisão conjunta 103
Capítulo 10 - Quando escolhemos um ao outro 112
Capítulo 11 - Espaço para outra pessoa.....124
Capítulo 12 - Informações que mudam tudo 134
Capítulo 13 - O limite do compromisso.....143
Capítulo 14 - A verdade contada pela metade 154
Capítulo 15 - Tudo o que ele não contou.....166
Capítulo 16 - A distância necessária para a verdade 177
Capítulo 17 - O que permanece quando partimos 186
Capítulo 18 - Uma decisão sem garantias 196
Capítulo 19 - O preço justo da vitória 205
Capítulo 20 - Por este caminho rumo à intimidade 215

INTRO

Vi Wit Górny pela primeira vez no exato momento em que alguém deslocou meu projeto trinta centímetros.

Não havia nada de romântico naquela situação. Eu estava com os tornozelos afundados na grama molhada às margens do rio Oder, uma pasta apertada contra o peito e um celular que, havia dez minutos, tentava inutilmente encontrar sinal. O vento de novembro virava as folhas presas a um painel informativo improvisado, enquanto dois operários discutiam se a fundação de concreto de uma antiga lixeira ainda poderia servir para alguma coisa.

Trinta centímetros, porém, significavam muito mais do que alguém poderia imaginar. No meu projeto, era exatamente essa a distância que separava uma passagem segura para bicicletas de uma colisão com as raízes de uma velha tília. Depois de dois meses de medições, consultas e revisões dos desenhos, eu sabia perfeitamente por que o traçado passava pelo lugar que havia determinado.

Por isso, quando vi uma estaca vermelha fincada no chão, marcada com o número dezessete, senti a irritação subir.

— Quem mudou isso de lugar? — perguntei.

O operário de jaqueta laranja olhou para mim por cima de seu copo de café.

— O sujeito das ciclovias.

— Que sujeito das ciclovias?

— Alto. Jaqueta azul-marinho. Disse que assim ficaria melhor.

Eu ainda não conhecia o homem que achava que podia corrigir o trabalho dos outros sem sequer fazer um telefonema, mas imediatamente deixei de gostar dele.

Eu tinha trinta e cinco anos, meu próprio escritório de urbanismo e experiência suficiente para saber que as palavras "assim ficará melhor" quase sempre eram pronunciadas por pessoas que depois não precisariam responder pelas consequências. Nos últimos sete anos, eu havia construído minha empresa com base justamente no contrário: medições, decisões transparentes e a disposição de assumir a responsabilidade por cada solução, inclusive as mais inconvenientes.

A revitalização do boulevard de Opole deveria ser o projeto que finalmente permitiria ao meu pequeno escritório deixar de viver de contrato em contrato. E não se tratava apenas de dinheiro. Eu queria criar um espaço onde uma senhora carregando compras, uma criança de bicicleta e uma pessoa em cadeira de rodas não precisassem disputar o mesmo metro de calçada.

Tirei a planta da pasta e me ajoelhei ao lado da estaca.

— Eu não aconselharia fazer isso.

A voz veio de trás de mim. Grave, tranquila, com aquela segurança irritante de quem não precisa elevar o tom para ser ouvido.

Virei a cabeça.

O homem aparentava ter uns quarenta anos, cabelos escuros salpicados de fios grisalhos nas têmporas e uma jaqueta azul-marinho aberta apesar do frio. Segurava alguns desenhos enrolados e um copo de papel. Não parecia alguém que acabara de arruinar a manhã de outra pessoa.

Parecia alguém que sabia perfeitamente por que havia feito aquilo.

— Não aconselharia fazer o quê? — perguntei.

— Arrancar a estaca. Há um cabo enterrado ali embaixo que não aparece no mapa atualizado.

Olhei para o chão e depois para ele.

— E como o senhor sabe desse cabo?

— Pela documentação técnica.

— Não havia nenhum cabo desse tipo na documentação entregue aos participantes do concurso.

Por um instante, ele me observou com mais atenção. Não desviou o olhar, mas também não respondeu imediatamente.

— Talvez a documentação esteja incompleta.

— Isso é um problema bastante sério.

— Concordo.

A facilidade com que concordou me irritou ainda mais do que uma contestação teria irritado.

Levantei-me, limpando a terra do joelho. Ele era pelo menos uns quinze centímetros mais alto do que eu, mas não fez aquela manobra masculina tão comum de se aproximar um passo além do necessário. Permaneceu exatamente onde estava e esperou.

— Rita Gawron — apresentei-me. — Autora da proposta B.

— Wit Górny. Proposta C.

Claro.

Eu já sabia bastante sobre ele, embora nunca tivéssemos nos encontrado. Havia projetado vias compartilhadas para

pedestres e ciclistas em várias cidades, tinha reputação de ser um profissional eficiente e sua proposta para o boulevard de Opole era a concorrente mais forte da minha. Ele priorizava a fluidez do tráfego e a atratividade dos percursos. Eu defendia a acessibilidade, os espaços de descanso e o equilíbrio entre os diferentes usuários.

— Então foi o senhor que deslocou o traçado da minha ciclovia.

— Marquei um traçado alternativo. Não alterei seu projeto.

— A estaca está exatamente sobre o eixo que defini nas minhas medições.

— Porque eu queria mostrar a diferença.

— Poderia ter usado outra cor.

Ele olhou para o plástico vermelho e depois para mim.

— Essa é uma crítica justa.

Ele tinha uma maneira perigosa de receber críticas. Não se defendia automaticamente, nem tentava vencer cada troca de palavras. Isso tornava mais difícil continuar com raiva dele, o que considerei mais um de seus defeitos.

Uma rajada de vento arrancou uma folha solta de dentro da minha pasta. Wit a pegou antes que caísse no rio. Não fez nenhum gesto heroico ou exagerado. Simplesmente estendeu a mão no momento certo.

— Corte transversal? — perguntou, devolvendo-me a folha.

— Sim.

— A senhora resolveu muito bem o acesso à água.

Observei-o com desconfiança.

— Isso é um elogio ou a introdução para mais uma correção?

— Um elogio. Às vezes, eu faço.

Um breve sorriso surgiu em seu rosto. Não era especialmente aberto, mas transformou a expressão de seus olhos. Só então percebi que tinham uma tonalidade entre o cinza e o verde, além de pequenas rugas que sugeriam que ele sorria com mais frequência do que seu tom objetivo deixava transparecer.

Fui a primeira a desviar o olhar.

Não porque tivesse ficado sem jeito. Pelo menos foi isso que disse a mim mesma.

— Gostaria de ver essa documentação — falei.

— Entendo.

— Não estou perguntando se o senhor entende. Estou perguntando se pode me dar acesso a ela.

Dessa vez, o sorriso desapareceu.

— Preciso verificar em que condições ela foi disponibilizada.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes.

— Então alguém lhe entregou materiais que os outros projetistas não receberam?

— Eu disse que preciso verificar a situação desses documentos.

— Isso não é uma resposta.

— Não. Ainda não.

Não havia arrogância em sua voz. Havia, antes, uma cautela que não combinava em nada com a desenvoltura

com que, minutos antes, ele havia colocado suas próprias marcações na área do meu projeto.

Antes que eu pudesse pressioná-lo mais, meu celular tocou.

Na tela apareceu o nome da funcionária pública responsável pelo concurso.

— Senhora Rita, ainda bem que consegui falar com a senhora. Houve uma mudança na organização. Na próxima semana, teremos uma reunião com os moradores. A comissão decidiu que os autores das duas propostas mais bem avaliadas deverão preparar uma apresentação conjunta das possíveis soluções.

Olhei para Wit.

— Conjunta?

— Sim. A ideia é apresentar os pontos em comum e as diferenças entre as propostas. Sem antecipar o resultado do concurso. Os senhores Gawron e Górny.

Wit aparentemente ouviu seu sobrenome, pois ergueu as sobrancelhas.

— Entendo — respondi com cautela.

— Enviaremos os documentos ainda hoje. Conto com uma colaboração profissional.

Desliguei antes que dissesse alguma coisa da qual pudesse me arrepender mais tarde.

Durante alguns instantes, ouvimos apenas a água batendo contra o revestimento de pedras da margem. Do outro lado do rio, alguém passeava com um cachorro, enquanto uma gaivota soltava um grito áspero acima de nossas cabeças.

— Parece que vamos trabalhar juntos — disse Wit.

— Parece que vamos fazer uma apresentação juntos. Existe uma diferença fundamental.

— Para a senhora?

— Para qualquer pessoa que não queira confundir colaboração com abrir mão das próprias convicções.

Ele recebeu a observação sem se ofender.

— Nesse caso, sugiro começarmos definindo aquilo de que nenhum de nós está disposto a abrir mão.

Era sensato. Tão sensato que tive vontade de recusar sua sugestão apenas por teimosia.

Em vez disso, guardei a planta na pasta.

— Eu não vou abrir mão da transparência do concurso.

Ele me observou por mais tempo do que antes. Seus dedos apertaram o copo de papel com tanta força que a tampa se deformou ligeiramente.

— E eu não vou abrir mão da segurança das pessoas que vão utilizar esse espaço — respondeu.

— Isso, pelo menos, não deveria nos colocar em lados opostos.

— Não deveria.

Por um instante, tive a impressão de que ele pretendia dizer mais alguma coisa. Em vez disso, afastou-se para me dar passagem pelo trecho estreito e lamacento.

Eu poderia ter ido embora. Deveria ter voltado ao escritório, conferido os documentos e preparado uma pergunta oficial para a comissão. Tinha meu próprio trabalho, meus compromissos e não precisava de nenhum concorrente bonito para ser feliz.

Mesmo assim, fiquei.

— Senhor Górny?

Ele se virou.

— Pode me chamar de Wit.

— Ainda vou pensar nisso. Queria perguntar se o senhor tem um tempinho hoje para me mostrar esse cabo.

Ele sorriu novamente, dessa vez mais devagar.

— Tenho até uma hora inteira.

— Preciso de vinte minutos.

— Vamos ver se serão suficientes.

Começamos a caminhar ao longo do rio, mantendo entre nós uma distância adequada para duas pessoas que acabavam de se conhecer.

Eu ainda não entendia por que a presença dele conseguia abalar com tanta facilidade a tranquilidade que eu havia levado anos para construir. Sabia apenas que queria descobrir a resposta para a questão da documentação tanto quanto queria ouvir o que ele teria a dizer quando deixássemos de falar sobre ciclovias.

Olhei para seu perfil e, de repente, um pensamento muito menos confortável me ocorreu.

Será que um homem em quem eu não sabia se podia confiar profissionalmente poderia se tornar alguém que eu desejaria deixar entrar na minha vida?

Capítulo 1 - Duas versões do mesmo caminho

Na manhã seguinte, sobre minha mesa havia três documentos impressos, dois copos de café vazios e um comunicado oficial que eu já tinha lido quatro vezes, cada uma delas com uma irritação crescente.

A comissão do concurso esperava que, em seis dias, Wit Górny e eu preparássemos uma apresentação conjunta para os moradores de Opole. Deveríamos mostrar as principais diferenças entre nossas propostas, identificar possibilidades de integração e apresentar uma solução que pudesse ser encaminhada para novas consultas públicas. Ao mesmo tempo, o concurso continuava sem um vencedor definido, e nossos projetos permaneceriam sujeitos a avaliações independentes.

Tudo parecia razoável até alguém parar para pensar em quem, afinal, seria o proprietário das ideias desenvolvidas durante aquela colaboração.

— Você está olhando para esse documento como se ele lhe devesse dinheiro — observou Nina, minha colega de trabalho.

Nina tinha vinte e nove anos, talento para visualizações tridimensionais e uma capacidade quase sobrenatural de identificar meu estado de espírito pela maneira como eu largava a caneta.

— Eu gostaria que ele me devolvesse seis semanas de vida.

— Foi quanto tempo você levou para preparar o projeto?

— Foi quanto tempo levei para me convencer de que todas as regras do concurso estavam claras.

Nina sentou-se no parapeito da janela. Do lado de fora do nosso escritório, na rua Krakowska, as pessoas corriam para o trabalho, escondendo o rosto nos cachecóis. Eu gostava daquela paisagem. Ela me lembrava que as cidades não são construídas para visualizações impressionantes, mas para todas aquelas pessoas que simplesmente querem chegar aonde precisam ir.

— E o outro projetista? — perguntou.

— O que tem ele?

— Dizem que é bom.

— É.

— Você falou isso como se tivesse acabado de confessar um crime.

Empurrei na direção dela um esboço no qual havia marcado o trecho problemático da instalação subterrânea. Os vinte minutos que eu havia combinado com Wit no dia anterior tinham se transformado em quase uma hora. Ele me mostrara por onde passava o cabo, explicara os riscos relacionados à fundação prevista para o pavimento e admitira que minha solução para os pedestres era melhor do que a dele. Entretanto, não me dera acesso ao documento que citava.

— É justamente por isso que ele é um problema — respondi. — Sabe o que está fazendo. E eu não gosto de competir com pessoas que sabem o que estão fazendo.

Nina caiu na risada, mas logo voltei a ficar séria. Eu havia apresentado uma solicitação formal para que a documentação técnica atualizada fosse disponibilizada a

todos os participantes. Não pretendia acusar ninguém sem provas, mas também não podia fingir que o problema não existia.

Meu celular vibrou.

Uma mensagem de um número desconhecido continha apenas algumas frases.

"Bom dia, senhora Rita. Aqui é Wit Górny. Proponho que nos encontremos às onze horas, na sala de consultas da prefeitura. Levarei as diretrizes para a apresentação conjunta. Imagino que a senhora já tenha preparado uma lista das coisas com as quais não concorda."

Sorri involuntariamente.

— O que aconteceu? — perguntou Nina.

— Nada.

— Rita, você acabou de sorrir para o celular.

— É uma reação de defesa.

Respondi: "A lista é longa. Por favor, reserve duas horas".

A resposta chegou imediatamente.

"Então levarei café."

Às onze horas, entrei em uma pequena sala no segundo andar da prefeitura. Wit já estava lá. Permanecia perto da janela, conversando ao telefone, mas, quando me viu, encerrou a ligação e colocou o aparelho sobre a mesa, com a tela virada para baixo. Dois copos de café e algumas folhas cuidadosamente organizadas nos aguardavam.

— Pontualidade — comentou. — Um bom sinal para nossa colaboração.

— Eu não tiraria conclusões tão abrangentes.

— Tem razão. O café está sem açúcar. Se a senhora costuma adoçar, começaremos com um conflito.

Sentei-me do outro lado da mesa.

— Não uso açúcar.

— Nosso primeiro ponto em comum.

Ele me entregou o copo, e percebi que suas mãos estavam ligeiramente avermelhadas pelo frio. Tinha dedos fortes, marcados pelo trabalho, que não combinavam com o estereótipo de um projetista que passava a maior parte da vida diante de um monitor. Imaginei que provavelmente fizesse mais visitas de campo do que a maioria dos profissionais. Aquela pequena observação me pareceu surpreendentemente pessoal.

— Antes de começarmos — falei -, gostaria de esclarecer uma coisa. Não concordo que meu projeto seja apresentado como parte da sua proposta.

— Não esperava isso.

— Nem que minhas soluções sejam utilizadas nas próximas etapas do concurso sem o devido reconhecimento da autoria.

— Entendo.

— E quero que qualquer alteração importante seja aprovada por nós dois.

Wit sentou-se diante de mim.

— Eu também tenho uma condição.

Fechei a pasta.

— Estou ouvindo.

— Não vamos fingir diante dos moradores que tudo é possível quando nós dois sabemos que não é.

Por um instante, perguntei-me se estava tentando me provocar.

— Explique melhor.

— Seu projeto é ambicioso. O meu também. Mas, se simplesmente juntarmos os elementos mais atraentes das duas propostas, teremos algo impossível de construir com o orçamento previsto. As pessoas verão imagens bonitas e, daqui a seis meses, alguém terá de explicar por que metade das promessas desapareceu.

— Não estou propondo fazer promessas que não possamos cumprir.

— Eu sei. Por isso, sugiro uma alternativa conjunta para a consulta pública que mostre as escolhas reais. Se deslocarmos a ciclovia, talvez percamos parte da área verde. Se a estreitarmos, prejudicaremos o conforto dos ciclistas. Não vamos transformar essas decisões em marketing.

Observei-o durante alguns segundos.

Foi a primeira vez que compreendi de verdade por que seu projeto havia recebido uma avaliação tão alta. Não se tratava de visualizações ousadas nem de materiais modernos. Wit pensava no espaço como uma sequência de consequências pelas quais alguém precisava assumir a responsabilidade.

— Concordo com o princípio — respondi. — Desde que os dados estejam disponíveis para nós dois.

Não precisei explicar a que estava me referindo.

Wit colocou o copo sobre a mesa.

— Enviei uma solicitação sobre a documentação técnica.

— Para a prefeitura?

— Sim.

— Quando receberemos a resposta?

— Espero que antes da reunião com os moradores.

— Esperança não é um método de planejamento.

— Ainda bem, porque não a incluí no cronograma.

Tive vontade de responder com alguma observação igualmente provocadora, mas, em vez disso, abri minha pasta. Sabia que, se permitisse que ele conduzisse a conversa naquele tom descontraído, logo esqueceria por que havia ido até ali.

Durante a hora seguinte, comparamos os dois projetos. O meu previa áreas de descanso mais amplas, acessos com inclinações suaves e pequenos espaços de convivência. O dele oferecia um percurso mais fluido para os ciclistas e resolvia melhor as conexões com as ciclovias existentes. Em alguns pontos, as diferenças eram pequenas; em outros, quase impossíveis de conciliar.

Quando chegamos ao trecho próximo às árvores antigas, Wit aproximou seu desenho do meu.

— Aqui podemos utilizar sua solução.

— Podemos?

— Podemos apresentá-la como a melhor alternativa.

Ergui os olhos.

— Mesmo que isso signifique abandonar a sua?

— Se for melhor, sim.

— O senhor está me surpreendendo.

— Imagino que isso seja bom.

— Ainda não decidi.

Ele se inclinou sobre a planta, apontando o local onde dois percursos se encontravam. O aroma de sua colônia, discreto e amadeirado, misturou-se ao cheiro do café. A distância entre nós diminuiu porque ambos tentávamos enxergar o mesmo detalhe. Ele não me tocou, embora bastasse um movimento mínimo.

— Aqui, por outro lado — continuou -, sua proposta precisa de uma correção.

Afastei-me alguns centímetros, mais para recuperar a concentração do que por qualquer necessidade real.

— Por quê?

Ele explicou o problema relacionado à inclinação do pavimento e à drenagem. Inicialmente, quis contestar, mas logo percebi que tinha razão. Não foi uma descoberta agradável.

— Está bem — admiti. — Vou verificar esse trecho.

— Não precisa dizer isso nesse tom.

— Que tom?

— Como se estivesse assinando um documento de rendição.

Olhei para ele por cima dos óculos.

— Não se acostume com as vitórias.

Ele sorriu.

— Não pretendo.

Na metade da reunião, a funcionária responsável pelo concurso, Katarzyna Domańska, apareceu à porta. Tinha a expressão cansada de alguém que passara a manhã inteira respondendo a perguntas para as quais ainda não possuía respostas.

— Vejo que estão trabalhando. Ótimo. Só peço que não apresentem nenhuma solução como definitiva. A comissão avaliará os projetos de acordo com os critérios originais.

— Também gostaríamos de esclarecer as regras para o uso dos materiais técnicos — falei.

Domańska olhou para Wit e depois para mim.

— A resposta à sua solicitação está sendo preparada.

— Posso receber um prazo concreto?

— Até segunda-feira, no máximo.

Anotei a informação.

— Obrigada.

Depois que ela saiu, Wit ficou olhando por alguns instantes para a porta fechada.

— A senhora é persistente — observou.

— Essa é uma maneira mais gentil de dizer o que normalmente ouço.

— E o que costuma ouvir?

— Difícil. Teimosa. Inflexível.

— A falta de flexibilidade pode ser um problema para quem projeta caminhos.

— E o excesso de flexibilidade pode ser um problema para quem é responsável pela segurança.

Ele soltou uma risada baixa. Foi a primeira vez que o ouvi rir de verdade, não apenas sorrir. Gostei daquele som mais do que estava disposta a admitir.

Ao final da reunião, tínhamos definido a divisão das responsabilidades. Eu prepararia a parte referente à acessibilidade e aos espaços de convivência, enquanto ele

ficaria responsável pela circulação e pela análise técnica. Juntos, desenvolveríamos três alternativas para o trecho controverso do boulevard. Cada um manteria a autoria de suas soluções, e todos os materiais seriam compartilhados em uma pasta comum.

Quando comecei a guardar os documentos, Wit me deteve com uma pergunta.

— Senhora Rita, por que esse concurso é tão importante para a senhora?

A resposta era óbvia, mas eu não tinha vontade de pronunciá-la.

— É um contrato importante.

— Eu sei. Estou perguntando outra coisa.

Fechei a pasta.

— E por que o senhor quer vencer?

Ele não respondeu imediatamente.

— Porque gostaria de finalmente olhar para um percurso que projetei e saber que, daqui a dez anos, não sentirei vergonha dele.

Não esperava aquele tipo de sinceridade.

— São exigências bastante elevadas.

— Eu sei. É por isso que às vezes perco.

Havia algo em sua voz que eu ainda não tinha ouvido. Não era amargura, mas a experiência de alguém que conhecia o preço das próprias decisões.

Por um instante, considerei contar a verdade sobre meu escritório, sobre o empréstimo bancário e sobre como vencer o concurso me daria a possibilidade de contratar

mais uma pessoa. Em vez disso, ajeitei a alça da bolsa no ombro.

— Eu quero que as pessoas possam utilizar o boulevard sem precisar se adaptar aos erros de quem o projetou.

Wit assentiu.

— É um bom motivo.

Saímos juntos para o corredor. Perto da escada, ele parou para deixar passar um grupo de pessoas que aguardavam atendimento. Somente quando o corredor ficou vazio, voltou a falar.

— Na sexta-feira, gostaria de verificar um trecho do percurso pessoalmente. Se a senhora tiver tempo, sua opinião seria útil.

— Tenho uma reunião com um cliente na sexta.

— Então encontraremos outro horário.

Ele não insistiu. Aquela simplicidade me surpreendeu mais do que o convite.

— Posso no sábado de manhã — falei.

Ele me olhou com evidente interesse.

— A senhora trabalha aos sábados?

— Quando é necessário.

— E quando não é?

Parei na escada.

— Tento me lembrar de que existe vida fora dos projetos.

— Com sucesso?

Balancei a cabeça.

— Nem tanto.

Ele não comentou. Por um momento, tive a impressão de que gostaria de perguntar mais alguma coisa, mas respeitou um limite que eu nem sequer precisei estabelecer.

Diante do prédio, nos despedimos com um breve aperto de mão.

— Até sábado, senhora Rita.

— Até sábado, senhor Górny.

Enquanto ele se afastava, percebi que não olhou para trás. Aquilo deveria ter me agradado. Em vez disso, senti uma decepção absurda, que imediatamente atribuí ao cansaço.

Voltei ao escritório com todos os acordos definidos, correções a fazer no projeto e a certeza de que trabalhar com Wit Górny seria mais difícil do que eu havia imaginado.

Não porque ele fosse meu concorrente.

Mas porque estava ficando cada vez mais difícil enxergá-lo apenas dessa maneira.

Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos

Na manhã de sábado, acordei quinze minutos antes do despertador e permaneci imóvel por alguns instantes, observando uma faixa clara de luz que se deslocava lentamente pelo teto.

Eu não me lembrava da última vez em que havia concordado com uma reunião profissional durante o fim de semana sem sentir que alguém estava me roubando uma parte da liberdade. Dessa vez, tinha sido eu quem sugerira o horário. Mesmo assim, precisei de alguns minutos para convencer a mim mesma de que se tratava exclusivamente de trabalho.

Meu celular estava sobre a mesa de cabeceira. Verifiquei as mensagens.

Wit havia escrito na noite anterior: "Nove horas, perto da ponte. Por favor, leve calçados confortáveis. Não pretendo limitar nossa discussão ao asfalto".

Eu respondera: "E não pretendo limitar minhas observações às suas ideias".

Agora, relendo aquela troca de mensagens, sorri sozinha.

Não gostei de perceber que estava começando a esperar pelas respostas dele.

Durante os últimos três anos, eu havia separado cuidadosamente minha vida profissional da pessoal. Depois do término com Michał, com quem passara quase uma década, prometi a mim mesma que nunca mais ajustaria minhas ambições à necessidade de segurança emocional de outra pessoa. Michał não era um homem ruim. Simplesmente